

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

OUTUBRO DE 1862

Nº 10

Apolônio de Tiana

À exceção dos eruditos, Apolônio de Tiana quase que só é conhecido de nome. O seu nome não é popular, por falta de uma história ao alcance de todos. Só havia algumas traduções, baseadas numa tradução latina de formato incômodo. Devemos, pois, agradecer ao sábio helenista que acaba de popularizá-lo por meio de uma tradução conscienciosa, calcada no texto original grego, bem assim aos editores, por terem, com esta publicação, preenchido lamentável lacuna⁴⁵.

Não há datas precisas sobre a vida de Apolônio. Conforme certos cálculos, teria nascido dois ou três anos antes de Jesus Cristo e morrido aos noventa e seis anos, pelos fins do primeiro século. Nasceu em Tiana, cidade grega da Capadócia, na Ásia Menor. Desde cedo deu provas de grande memória e notável inteligência, demonstrando grande entusiasmo pelo estudo. De todas as filosofias que estudou, adotou a de Pitágoras, cujos

45 *Apolônio de Tiana*, sua vida, suas viagens, seus prodígios; por Filostrato. Nova tradução do texto grego, pelo Sr. Chassang, mestre de conferências na Escola Normal. – 1 vol. in-12 de 500 páginas. Preço: 3,50 francos. Casa Didier & Cia, editores, Quai des Augustins, 35, Paris.

preceitos seguiu rigorosamente até a morte. Seu pai, um dos mais ricos cidadãos de Tiana, deixou-lhe uma fortuna considerável, que ele repartiu com os parentes, reservando apenas uma pequena parte para si, porque, como dizia, o sábio deve saber contentar-se com pouco. Viajou muito para se instruir; percorreu a Assíria, a Cítia, a Índia, onde visitou os Brâmanes, o Egito, a Grécia, a Itália e a Espanha, ensinando por toda parte a sabedoria, graças à doçura do seu caráter e à honradez de suas virtudes, recrutando numerosos discípulos que lhe seguiam os passos a fim de ouvi-lo, alguns dos quais o acompanharam em suas viagens. Um deles, porém – Eufrates – invejoso de sua superioridade e de sua boa reputação, tornou-se seu detrator e mortal inimigo, não cessando de espalhar calúnias contra ele para o perder; mas apenas conseguiu aviltar-se. Apolônio jamais se inquietou e, longe de lhe guardar qualquer ressentimento, lamentava-o por sua fraqueza e sempre procurava retribuir-lhe o mal com o bem. Ao contrário, Damis, jovem assírio que ele conheceu em Nínive, a ele se ligou com uma fidelidade a toda prova, foi o companheiro assíduo de suas viagens, o depositário de sua filosofia e deixou sobre ele a maior parte das informações que possuímos.

O nome de Apolônio de Tiana está misturado ao de todas as personagens lendárias que a imaginação dos homens se deleitou em revestir de atributos maravilhosos. Seja qual for o exagero dos fatos a ele atribuídos, é evidente que, ao lado das fábulas, encontra-se um fundo de verdades mais ou menos adulteradas. Ninguém poderia com segurança pôr em dúvida a existência de Apolônio de Tiana; o que é igualmente certo é que deve ter feito coisas notáveis, sem o que delas não teriam falado. Para que a imperatriz Júlia Domna, esposa de Séptimo-Severo, tivesse pedido a Filostrato que escrevesse sua vida, fora necessário que ele tivesse dado o que falar, pois não é provável que ela tivesse encomendado um romance sobre um homem imaginário ou obscuro. Que Filostrato tivesse amplificado os fatos, ou que os tivesse achado amplificados, é provável e mesmo certo; pelo menos

alguns deles estão fora de qualquer probabilidade. Mas o que não é menos certo é que colheu a essência de sua narrativa em relatos quase contemporâneos e que deviam gozar de suficiente notoriedade para merecerem a atenção da imperatriz. Às vezes a dificuldade está em deslindar a fábula da verdade. Neste caso há criaturas que acham mais simples negar tudo.

As personagens desta natureza são apreciadas muito diversamente; cada um as julga conforme suas opiniões, suas crenças e, mesmo, conforme seus interesses. Mais que qualquer outro, Apolônio de Tiana devia dar motivo para controvérsia, pela época em que viveu e pela natureza de suas faculdades. Entre outras coisas lhe atribuem o dom de curar, a presciência, a visão a distância, o poder de ler o pensamento, expulsar os demônios e de se transportar instantaneamente de um lugar para outro, etc. Poucos filósofos gozaram em vida de maior popularidade. Seu prestígio ainda era aumentado pela austeridade de seus hábitos, pela sua doçura, simplicidade, desinteresse, caráter benevolente e reputação de saber. O paganismo deitava, então, os seus últimos lampejos, e se debatia contra a invasão do Cristianismo nascente: quis transformá-lo num Deus. Misturando idéias cristãs a idéias pagãs, alguns o tomaram por um santo; os menos fanáticos não viram nele mais que um filósofo. É a opinião mais razoável e o único título que ele alguma vez aceitou, porquanto recusou o de filho de Júpiter, como alguns o pretendiam. Embora contemporâneo do Cristo, parece que dele não ouviu falar, porque em sua vida não faz nenhuma alusão ao que, então, se passava na Judéia.

Entre os cristãos que mais tarde o julgaram, uns o declararam velhaco e impostor; outros, não podendo negar os fatos, pretenderam que operasse prodígios pela assistência do demônio, sem pensar que assim confessavam os mesmos prodígios, fazendo de Satã o rival de Deus, pela dificuldade de distinguir os prodígios divinos dos diabólicos. São as duas opiniões que têm prevalecido na Igreja.

O autor dessa tradução manteve-se em sábia neutralidade. Não esposou nenhuma versão e, a fim de permitir que cada um as apreciasse, indicou com escrupuloso cuidado todas as fontes em que se pode colhê-las, deixando a cada um a liberdade de tirar, pela comparação dos argumentos favoráveis e contrários, a consequência que julgar conveniente, limitando-se a fazer uma tradução fiel e conscienciosa.

Os fenômenos espíritas, magnéticos e sonambúlicos lançam hoje uma luz inteiramente nova sobre os fatos atribuídos a essa personagem, demonstrando a possibilidade de certos efeitos, até hoje relegados ao domínio fantástico do maravilhoso, e permitindo separar o possível do impossível.

Antes de mais, o que é o maravilhoso? O cepticismo responde: É tudo aquilo que, estando fora das leis da Natureza, é impossível. Depois acrescenta: Se os relatos antigos são pródigos em fatos desse gênero, deve-se ao amor do homem pelo maravilhoso. Mas de onde vem esse amor? É o que ele não diz e que tentaremos explicar. Isto não será inútil àquilo que nos interessa.

Aquilo que o homem chama de maravilhoso o transporta pelo pensamento além dos limites do conhecido e é a inspiração íntima por uma ordem de coisas melhor, que o leva a procurar com avidez o que aí o pode ligar e lhe dar uma idéia. Tal aspiração lhe vem da intuição que tem, de que essa ordem de coisas deve existir; não a encontrando na Terra, busca-a na esfera do desconhecido. Mas não será essa mesma aspiração um indício providencial de que algo existe além da vida corporal? Ela só é dada ao homem, porque, nada esperando, os animais não buscam o maravilhoso. Intuitivamente o homem compreende que há, fora do mundo visível, uma força, da qual faz uma idéia mais ou menos justa, conforme o desenvolvimento de sua inteligência e, muito naturalmente, vê a ação *direta* dessa força em todos os fenômenos

que não compreende. Assim, outrora, uma imensidade de fatos passava por maravilhosos e hoje são perfeitamente explicados, entrando no domínio das leis naturais. Disso resultou que todos os homens que possuísem faculdades ou conhecimentos superiores ao vulgo passariam por ter uma porção dessa força invisível, ou domínio sobre ela; foram chamados de magos ou feiticeiros. A opinião da Igreja fez prevalecer a idéia de que tal força não poderia provir senão do Espírito do mal, quando exercida fora de seu seio. Eram tempos de barbárie e de ignorância, em que se queimavam os pretensos magos e feiticeiros; o progresso da Ciência os recolocou na Humanidade.

Onde encontrais – perguntam os incrédulos – mais histórias maravilhosas? Não será na Antigüidade, entre os povos selvagens, nas classes menos esclarecidas? Não é prova de que resultam da superstição, filha da ignorância? Da ignorância é incontestável, e por uma razão muito simples. Os Antigos, que sabiam menos que nós, não eram menos impressionados pelos mesmos fenômenos; conhecendo menos as verdadeiras causas, buscavam causas sobrenaturais para as coisas mais naturais. Ajudados pela imaginação e secundados pelo medo, de um lado, e pelo gênio poético, do outro, engendravam contos fantásticos, ampliados pelo gosto da alegoria peculiar aos povos do Oriente. Lutando afanosamente com o fogo que o consumia, Prometeu devia passar como um ser sobre-humano, punido por sua temeridade, por ter usurpado os direitos de Júpiter. Franklin, o moderno Prometeu, para nós é um simples sábio. Montgolfier, elevando-se nos ares, nos tempos mitológicos teria sido Ícaro. Por quem tomariam o Sr. Poitevin, elevando-se num cavalo?

Tendo feito uma porção de fatos entrar na ordem natural, a Ciência reduziu bastante os fatos maravilhosos. Mas terá explicado tudo? Conhece todas as leis que regem os mundos? Nada mais tem a ensinar? Cada dia dá um desmentido a esta orgulhosa pretensão. Não tendo ainda investigado todos os segredos de Deus,

daí resulta que muitos fatos antigos se acham inexplicados. Ora, não admitindo como possível senão aquilo que compreende, acha mais simples chamá-los maravilhosos, fantásticos, isto é, inadmissíveis pela razão. A seus olhos todos os homens, que supostamente os produziram, ou são mitos ou impostores e, diante de tal juízo, Apolônio de Tiana não encontraria graça. Ei-lo, assim, condenado pela Igreja, que admite os fatos, como um suposto Satã, e pelos cientistas, que não os admitem, como um hábil prestidigitador.

A lei de gravitação abriu novo caminho à Ciência e explicou uma multidão de fenômenos sobre os quais se haviam edificado teorias absurdas; a lei das afinidades moleculares veio dar-lhe um novo passo; a descoberta do mundo microscópico abriu-lhe novos horizontes; por sua vez a eletricidade veio revelar-lhe uma nova força, da qual não suspeitava. A cada uma dessas descobertas viu ela serem resolvidas muitas dificuldades, muitos problemas, muitos mistérios incompreendidos ou falsamente interpretados. Mas quanta coisa ainda a esclarecer! Não se poderá admitir a descoberta de uma nova lei, de uma nova força, que venham projetar a luz sobre pontos ainda obscuros? Pois bem! É uma nova força que o Espiritismo vem revelar; esta força é a ação do mundo invisível sobre o visível. Mostrando nesta ação uma lei natural, ele recua mais ainda os limites do maravilhoso e do sobrenatural, porque explica uma porção de coisas que pareciam inexplicáveis antes da descoberta da eletricidade.

Limita-se o Espiritismo a admitir o mundo invisível como hipótese e como meio de explicação? Não, porquanto seria explicar o desconhecido pelo desconhecido. Ele prova a sua existência por fatos patentes, irrecusáveis, como o microscópio provou a existência do mundo dos infinitamente pequenos. Tendo, pois, demonstrado que o mundo invisível nos envolve, que esse mundo é essencialmente inteligente, uma vez que se compõe das almas dos homens que hão vivido, concebe-se facilmente que possa

representar um papel ativo no mundo visível e produzir fenômenos de ordem particular. São esses fenômenos que a Ciência chama de maravilhosos, por não os poder explicar pelas leis conhecidas. Sendo tais fenômenos uma lei da Natureza, devem ter-se produzido em todos os tempos. Ora, como repousassem na ação de uma força fora da Humanidade, e como todas as religiões têm por princípio a homenagem prestada a essa força, serviram de base a todas os credos; esta a razão por que todos os relatos antigos, assim como todas as teogonias, são pródigos em alusões e alegorias concernentes às relações do mundo invisível com o visível, ininteligíveis se não se conhecem tais relações. Querer explicá-las sem isto é querer explicar os fenômenos elétricos sem a eletricidade. Esta lei é uma chave que abrirá a maior parte dos santuários misteriosos da Antigüidade. Uma vez reconhecida, os historiadores, os arqueólogos, os filósofos verão desdobrar-se um horizonte completamente novo e a luz se fará sobre os pontos mais obscuros.

Se esta lei ainda encontra opositores, tem isto de comum com tudo o que é novo; deve-se, além disso, ao espírito materialista que domina nossa época e, em segundo lugar, porque em geral se faz do mundo invisível uma idéia de tal modo falsa que a incredulidade é uma consequência. O Espiritismo não só demonstra a sua existência, mas o apresenta sob um aspecto tão lógico que a dúvida não tem mais razão de ser em quem quer que se dê ao trabalho de estudá-lo conscienciosamente.

Não pedimos aos cientistas que creiam; como, porém, o Espiritismo é uma filosofia que ocupa vasto espaço no mundo, mesmo que não passasse de um sonho mereceria exame, ainda que fosse para saber o que ele diz. Só lhes pedimos uma coisa: estudá-lo, mas estudá-lo a fundo, para não lhe imputar aquilo que ele não diz. Depois, então, creiam ou não creiam, auxiliados por essa alavanca, tomada como simples hipótese, que tentem resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos,

psicológicos, morais, sociais, etc., ante os quais têm fracassado, e verão o seu resultado. Não lhes pedir a fé não é exigir muito.

Voltemos a Apolônio. Incontestavelmente, os Antigos conheciam o magnetismo. Encontramos sua prova em certas pinturas egípcias. Conheciam igualmente o sonambulismo e a dupla vista, que são fenômenos psicológicos naturais. Conheciam as diversas categorias de Espíritos, que chamavam deuses, e suas relações com os homens. Os médiuns curadores, videntes, falantes, auditivos, inspirados, etc., deviam existir entre eles como em nossos dias, como se vêem numerosos exemplos entre os árabes. Com o auxílio desses dados e do conhecimento das propriedades do perispírito – envoltório corporal fluídico dos Espíritos – podemos perfeitamente nos dar conta de vários fatos atribuídos a Apolônio de Tiana, sem recorrer à magia, à feitiçaria, nem à astúcia. Dizemos de vários fatos, porquanto alguns há cuja impossibilidade o próprio Espiritismo vem demonstrar; é nisso que ele serve para distinguir a verdade do erro. Deixamos aos que tiverem feito um estudo sério e completo desta ciência o cuidado de estabelecer a distinção entre o possível e o impossível, o que lhes será fácil.

Consideremos agora Apolônio de outro ponto de vista. Ao lado do médium, que naquele tempo o convertia num ser quase sobrenatural, nele havia o filósofo, o sábio. Sua filosofia revelava a doçura de seus hábitos e de seu caráter, de sua simplicidade em todas as coisas. Pode-se julgá-lo por algumas de suas máximas.

Tendo censurado os lacedemônios degenerados e efeminados, e havendo estes aproveitado os seus conselhos, escreveu aos éforos: “Apolônio aos éforos: saúde! Os verdadeiros homens não devem cometer faltas; mas só aos homens de coração, se as cometem, cabe reconhecê-las.”

Tendo recebido do imperador uma carta de censura, os lacedemônios vacilavam entre conjurar sua cólera ou lhe responder

com arrogância. Consultaram Apolônio quanto à forma de responder. Este veio à assembléia e lhes disse apenas estas palavras: “Se Palamédio inventou a escrita, não foi somente para que se pudesse escrever, mas para que se soubesse quando não se deve escrever.”

Interrogando Apolônio, perguntou-lhe o cônsul romano Telesino: “Quando vos aproximais do altar, qual a vossa prece? – Peço aos deuses que reine a justiça, que as leis sejam respeitadas, que os sábios sejam pobres, que os outros se enriqueçam, mas por meios honestos. – Que! quando pedis tantas coisas pensais em ser atendido? – Sem dúvida, porque peço tudo isto numa só palavra, ao me aproximar do altar: ‘Ó deuses! Dai-me o que me é devido.’ Se eu pertencer ao número dos justos, obterei mais do que pedi; se, ao contrário, os deuses me puserem no número dos maus, punir-me-ão e não poderei censurá-los, visto que, não sendo bom, serei castigado.”

Conversando com Apolônio sobre a maneira de governar quando fosse imperador, disse-lhe Vespasiano: “Vendo o império aviltado pelos tiranos que vos acabo de citar, quis aconselhar-me convosco quanto à maneira de reabilitá-lo na estima dos homens. – Certo dia, disse Apolônio, um dos mais hábeis flautistas mandou seus alunos aos piores flautistas para lhes ensinar como não deviam tocar. Sabeis agora, Vespasiano, como não se deve reinar: vossos predecessores vo-lo ensinaram. Reflitamos agora sobre a maneira de bem reinar.”

Estando preso em Roma, no tempo de Domiciano, fez uma preleção aos prisioneiros, para lembrar-lhes a coragem e a resignação, e lhes disse: “Todos que aqui nos achamos, estamos presos durante isto que se chama vida. Ligada ao corpo perecível, nossa alma sofre numerosos males e é escrava de todas as necessidades da condição humana.”

Na sua prisão, respondendo a um emissário de Domiciano que o incitava a acusar Nerva, a fim de conseguir a sua liberdade, disse Apolônio: “Meu amigo, se fui posto a ferros por ter dito a verdade a Domiciano, o que me aconteceria, se houvesse mentido? O imperador crê que é a franqueza que merece os ferros, mas eu creio que é a mentira.”

Numa carta a Eufrates: “Perguntei aos ricos se não tinham preocupações. ‘Como não as teríamos?’ responderam eles. – ‘E de onde vêm as vossas preocupações? – De nossas riquezas.’ Eufrates, eu vos lamento, pois acabais de enriquecer.”

Ao mesmo: “Os homens mais sábios são os mais breves em seus discursos. Se os tagarelas sofressem o que fazem sofrer aos outros, não falaria tanto.”

Outra a Criton: “Disse Pitágoras que a Medicina é a mais divina das artes. Se assim é, faz-se necessário que o médico se ocupe da alma e, ao mesmo tempo, do corpo. Como um ser poderia estar sadio, quando a parte mais importante de si mesmo estivesse doente?”

Outra aos platônicos: “Se oferecerem dinheiro a Apolônio e isto lhe parecer razoável, ele não terá dificuldade em aceitar, por pouco que precise. Mas um salário pelo que ensina, jamais, por muito que necessite.”

Outra a Valério: “Ninguém morre, a não ser aparentemente, assim como ninguém nasce, a não ser em aparência. Com efeito, a passagem da essência à substância, eis o que se chama nascer; e o que se chama morrer é, ao contrário, a passagem da substância à essência.”

Aos sacrificadores do Olimpo: “Os deuses não necessitam de sacrifícios. Que se deve fazer, então, para lhes ser agradável? Se não me engano, é preciso procurar adquirir a divina sabedoria e

prestar, tanto quanto possível, serviços aos que o merecem. Eis o de que gostam os deuses. Os próprios ímpios podem fazer sacrifícios.”

Aos efésios do templo de Diana: “Conservastes todos os ritos dos sacrifícios, todo o fausto da realeza. Como banqueteadores e convivas alegres, sois irrepreensíveis; mas quantas censuras não vos podem ser feitas, como vizinhos da deusa noite e dia? Não é de vosso meio que saem os vigaristas, os salteadores, os mercadores de escravos, todos os homens ímpios e injustos? O templo é um covil de ladrões.”

Aos que se julgam sábios: “Dizeis que sois meus discípulos? Pois bem! acrescentai que permaneceis sempre em casa, jamais ides às termas, não matais os animais, não comeis carne, estais livres das paixões, da inveja, da malignidade, do ódio, da calúnia, do ressentimento, que, enfim, pertenceis ao número dos homens livres. Não façais como os que, em discursos mentirosos, fazem crer que vivem de um modo, ao passo que vivem de modo totalmente oposto.”

Ao seu irmão Hestieu: “Em toda parte sou olhado como um homem divino; nalguns lugares chegam a me tomar por um deus. Em minha pátria, contudo, não passo de um desconhecido. É de admirar? Vós mesmos, meus irmãos, bem vejo que ainda não estais convencidos de que eu seja superior a muitos homens pela palavra e pelos costumes. E como os meus concidadãos e os meus parentes se enganaram a meu respeito? Ah! este erro me é bem doloroso! Sei que é belo considerar toda a Terra como sua pátria e todos os homens como irmãos e amigos, já que todos descendem de Deus e são de uma mesma natureza, visto terem igualmente as mesmas paixões e serem todos, igualmente, homens, quer nascidos gregos ou bárbaros.”

Estando em Catânia, na Sicília, numa instrução dada a seus discípulos, falando do Etna, disse: “Escutando-os, sob essa

montanha geme acorrentado algum gigante, Tifeu ou Enceládio, que, em sua longa agonia, vomita todo esse fogo. Concordo que tenham existido gigantes, porque, em diversos locais, túmulos entreabertos nos deixam ver esqueletos que indicam homens de estatura extraordinária; mas eu não poderia admitir que tivessem entrado em luta contra os deuses; no máximo teriam ultrajado seus templos e suas estátuas. Mas que tenham escalado o céu e dali expulsado os deuses, é insensato dizer e acreditar. Outra fábula, que parece menos irreverente para com os deuses e da qual já não devemos fazer caso, é que Vulcano trabalha na forja nas profundezas do Etna e que ali faz incessantemente retinir a bigorna. Em diversos pontos da Terra há outros vulcões e ninguém se lembra de dizer que haja outros tantos gigantes e Vulcanos.”

Certos leitores teriam achado mais interessante que citássemos os prodígios de Apolônio para os comentar e explicar; mas, antes de tudo, quisemos mostrar o filósofo e o sábio, em vez do taumaturgo. Pode-se aceitar ou rejeitar tudo quanto se queira dos fatos maravilhosos a ele atribuídos, mas parece difícil que um homem que diz tais palavras, que professa e pratica tais princípios, seja um prestidigitador, um velhaco, ou um possesso do demônio.

No que respeita a prodígios, citaremos apenas um, que prova suficientemente uma das faculdades de que ele era dotado.

Depois de narrar minuciosamente o assassinato de Domiciano, acrescenta Filostrato:

“Enquanto tais fatos se passavam em Roma, Apolônio os via em Éfeso. Domiciano foi assaltado por Clemente por volta de meio-dia; no mesmo dia, no mesmo momento, Apolônio dissertava nos jardins contíguos aos xistos. De repente baixou um pouco a voz, como se tomado de súbito pavor. Continuou seu discurso, mas a linguagem não tinha a força habitual, como acontece aos que falam pensando em outra coisa. Depois se calou,

como quem perde o fio da conversa; lançou para o chão um olhar assustador, deu três ou quatro passos à frente e exclamou: ‘Fulmina o tirano! fulmina!’ Dir-se-ia que visse não a imagem do fato num espelho, mas o próprio fato em toda a sua realidade. Os efésios (porquanto Éfeso inteira assistia ao discurso de Apolônio) foram tomados de espanto. Apolônio parou, semelhante a um homem que buscasse ver o desfecho de um acontecimento duvidoso. Enfim exclamou: ‘Tende bom ânimo, efésios. O tirano foi morto hoje. Que digo, hoje? Por minerva! Acaba de ser morto agora mesmo, quando me interrompi.’ Os efésios pensaram que Apolônio houvesse perdido o juízo; desejavam vivamente que ele tivesse dito a verdade, mas temiam que algum perigo resultasse desse discurso. ‘Não me admiro – disse Apolônio – que ainda não me acreditem: a própria Roma ainda não sabe por completo. Mas eis que o saberá, a notícia se espalha e milhares de cidadãos já acreditam; isto faz pular de alegria o duplo desses homens e o quádruplo e o povo inteiro. A notícia logo chegará aqui; podeis adiar, até que souberdes do fato, o sacrifício que deveis oferecer aos deuses por esta ocasião. Quanto a mim, retiro-me para lhes render graças pelo que vi.’ Os efésios mantiveram-se na sua incredulidade, mas logo vieram mensageiros para lhes anunciar a boa nova e testemunharem em favor da ciência de Apolônio; porque o assassinato do tirano, o dia e a hora em que foi consumado, o autor do assassinio, que havia entusiasmado Apolônio, todos os detalhes eram perfeitamente conformes aos que os deuses lhe haviam mostrado no dia em que discursava aos efésios.”

Naquela época nada mais era preciso para fazê-lo passar por um homem divino. Em nossos dias os cientistas o teriam tratado como visionário. Para nós era dotado da segunda vista, cuja explicação é dada pelo Espiritismo. (Vide a teoria do sonambulismo e da dupla vista em *O Livro dos Espíritos*, nº 455).

Sua morte apresentou outro prodígio. Certa tarde, tendo entrado no templo de Dictina, em Lynde (Creta), não

obstante os cães ferozes que lhe guardavam a entrada e que, em vez de ladrar à sua chegada, vieram acariciá-lo, foi, por isto mesmo, detido como mago pelos guardas do templo, e acorrentado. Durante a noite desapareceu à vista dos guardas, sem deixar vestígios e sem que lhe encontrassem o corpo. Dizem que naquela ocasião foram ouvidas vozes de moças que cantavam: “Deixai a Terra; ide para o Céu, ide!” como para o exortar a elevar-se da Terra para as regiões superiores.

Assim termina Filostato a narração da vida de Apolônio:

“Mesmo depois de desaparecido, Apolônio sustentou a imortalidade da alma e ensinou que é verdade aquilo que se diz a respeito. Havia então em Tiana um certo número de jovens apaixonados por sua filosofia; a maior parte de suas discussões girava em torno da alma. Um deles não podia admitir que fosse imortal. Eis dez meses – dizia ele – que rogo a Apolônio me revele a verdade sobre a imortalidade da alma; mas ele está tão morto que minhas preces são inúteis, não me aparecendo nem mesmo para provar que era imortal. Cinco dias depois falou do mesmo assunto com os seus companheiros e adormeceu no mesmo lugar em que havia ocorrido a discussão. De repente pulou, como se vitimado por um acesso de demência: estava meio adormecido e banhado de suor. Eu te acredito, bradou ele. Seus camaradas perguntaram-lhe o que tinha. Não vedes o sábio Apolônio? Está em nosso meio, ouve a nossa discussão e recita melodiosos cantos sobre a alma. – Onde está ele?, perguntaram os outros, pois não o vemos e isto é uma felicidade que preferiríamos a todos os bens da Terra. – Parece que veio só para mim: quer ensinar-me aquilo que me recusava a crer. Escutai, pois, escutai os cantos divinos que me faz ouvir:

“A alma é imortal; não é vossa, mas da Providência. Quando o corpo está esgotado, semelhante a um corredor veloz

que vence todo o seu trajeto, a alma se eleva e se precipita nos espaços etéreos, tomada de desprezo pela triste e rude escravidão que sofreu. Mas que vos importam essas coisas! Conhecê-las-ei quando não mais existirdes. Por que tentar penetrar esses mistérios, se ainda vos encontrais entre os vivos?”

“Tal o oráculo tão claro, dado por Apolônio sobre os destinos da alma. Quis ele que, conhecendo a nossa natureza, marchássemos com o coração alegre, para o fim que nos destinam as Parcas.”

A aparição de Apolônio depois da morte é tratada como alucinação pela maioria de seus comentadores, cristãos ou outros, que pretendiam que o jovem tivesse a imaginação ferida pelo próprio desejo de o ver, o que o levou a pensar que o tinha visto. Em todos os tempos, contudo, a Igreja, tem reconhecido esse tipo de aparição; cita vários exemplos como autênticos. O Espiritismo vem explicar o fenômeno, baseado nas propriedades do perispírito, envoltório ou corpo fluídico do Espírito que, por uma espécie de condensação, toma uma aparência visível e pode, como se sabe, tornar-se tangível. Sem o conhecimento da lei constitutiva dos Espíritos, esse fenômeno é maravilhoso; conhecida a lei, o maravilhoso desaparece para dar lugar a um fenômeno natural. (Vide em *O Livro dos Médiuns* a teoria das manifestações visuais, capítulo VI). Admitindo que o jovem tivesse sido joguete de uma ilusão, restaria aos negadores explicar as palavras atribuídas a Apolônio, palavras sublimes e inteiramente opostas às idéias que, momentos antes, ele acabava de sustentar.

O que faltava a Apolônio para ser cristão? Muito pouco, como se vê. Não permita Deus que estabeleçamos um paralelo entre ele e o Cristo! O que prova a incontestável superioridade deste e a divindade de sua missão é a revolução produzida no mundo inteiro pela doutrina que ele, obscuro, e seus apóstolos, tão obscuros quanto ele, pregaram, enquanto que a de

Apolônio morreu com ele. Seria, pois, impiedade apresentá-lo como rival do Cristo! Mas, se quisermos prestar atenção ao que disse a respeito do culto pagão, veremos que condena as formas supersticiosas e lhes desferiu terrível golpe, substituindo-as por idéias mais sãs. Se assim tivesse falado ao tempo de Sócrates teria, como este último, pago com a vida aquilo que haveriam chamado a sua impiedade. Mas na época em que viveu as crenças pagãs já haviam feito sua parte e ele foi ouvido. Por sua moral preparou os pagãos, em cujo meio viveu, para receberem, com menos dificuldade, as idéias cristãs, às quais serviu de transição. Assim, acreditamos estar com a verdade, dizendo que ele serviu de traço de união entre o paganismo e o Cristianismo. Sob esse aspecto, talvez tivesse ele também uma missão. Podia ser ouvido pelos pagãos, mas não o foi pelos judeus.

Resposta à “Abeille Agénaise” pelo Sr. Dombre

Lê-se o seguinte na *Abeille Agénaise* de 25 de maio de 1862:

“Temos em mão um escrito de uma graça encantadora, intitulado: *Conversas Espíritas*. O autor, Sr. Cazenove de Pradines, antigo presidente da Sociedade de Agricultura, Ciências e Artes de Agen, encarregou recentemente o Sr. Magen do prazer e do trabalho de o ler em nossa Academia. Inútil dizer com que interesse a comunicação foi recebida.

“Assim resume o Sr. Cazenove as doutrinas da nova seita, extraíndo-as de *O Livro dos Espíritos*:

“1º – Geralmente os Espíritos de ordem elevada não permanecem na Terra senão durante curto período.

“2^o – Os Espíritos vulgares aqui estão de certo modo *sedentários* e constituem a *massa* da população ambiente do mundo invisível. Conservaram mais ou menos os mesmos gostos e inclinações que tinham no invólucro corpóreo. Não podendo satisfazer suas paixões, beneficiam-se dos que a elas se entregam e as excitam.

“3^o – Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias que se harmonizam com a impureza de sua natureza.

“4^o – Os Espíritos não podem degenerar; podem ficar estacionários, mas não retrogradam.

“5^o – Todos os Espíritos tornar-se-ão perfeitos.

“6^o – Os Espíritos imperfeitos procuram apoderar-se e dominar os homens; sentem-se felizes por faze-los sucumbir.

“7^o – Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Muitas vezes os Espíritos inferiores tomam nomes venerados, a fim de melhor induzir em erro.

“De acordo com esses dados, o Sr. Cazenove, com a sutileza e a sagacidade do talento que o caracterizam, redigiu duas entrevistas, nas quais toca os dois extremos do corpo social. Por meio de um suposto médium, de um lado evoca Espíritos inferiores, personificados na figura de um célebre bandido de Cartouche, e os admite a um colóquio singular, que demonstra a *perversidade* de semelhante doutrina. Por outro lado, são Espíritos de ordem elevada que entram em relação com os homens da atualidade. O contraste, sem dúvida, é interessante e ninguém deu com mais fidelidade, tato e felicidade, tudo quanto a doutrina epicurista, resumida no Espírito de Horácio e de Lucrecio, encerra de deplorável e enganador.

“Lamentamos profundamente não poder dar por inteiro aos nossos leitores o trabalho do Sr. Cazenove. Estamos certos de que aplaudiriam não só a forma irrepreensível e perfeitamente acadêmica do escrito, mas, também, o elevado pensamento moral que o anima, visto condenar sem indulgência um sistema cheio de seduções e de verdadeiros perigos.”

J. Serrét

RESPOSTA DO SR. DOMBRE

Senhor Redator,

Fui o primeiro a apreciar as observações finas e delicadas feitas pelo Sr. Cazenove de Pradines no domínio da Doutrina Espírita. Sob o título de *Conversas Espíritas*, o escrito esteve em minhas mãos e dele se faz menção no vosso apreciado jornal de domingo, 25 de maio; é, com efeito, de uma graça encantadora e não desmente o caráter de sagacidade do talento que distingue seu autor. É uma flor, cujas cores e brilho admiro, abstando-me, no momento, de alterar o aveludado pelo contato da menor palavra de crítica indiscreta. Mas o vosso entusiasmo por esses diálogos picantes, mais espirituosos que ofensivos à doutrina, vos levaram a enunciar erros, sendo um dever de todo bom espírita, de mim particularmente, fazer-vos uma advertência.

Antes de mais, devo dizer que as citações escolhidas aqui e ali em *O Livro dos Espíritos* são agrupadas com arte, a fim de apresentar a doutrina sob uma luz desfavorável; mas todo homem prudente e de boa-fé quererá ler por inteiro aquele livro e meditar.

1º – Falais das *doutrinas da nova seita*. Permitti vos diga que o Espiritismo não é nem uma religião, nem uma seita. É um ensino dado aos homens pelos Espíritos que povoam o espaço e que mais não são que as almas dos que viveram. Mau grado nosso,

sofremos a sua influência a todo instante; eles são uma força da Natureza, como a eletricidade também o é, sob outro ponto de vista. Sua existência e sua presença são constatadas por fatos evidentes e palpáveis.

2º – Dizeis: *A perversidade de semelhante doutrina.* Cuidado! O Espiritismo não é senão o Cristianismo na sua pureza. Só tem como divisa, em sua bandeira, esta: *Amor e Caridade.* Onde, pois, a perversidade?

3º – Finalmente, falais de um sistema *cheio de seduções e de verdadeiros perigos.* Sim, está cheio de seduções, de atrativos, porque é belo, grande, justo, consolador e digno, sob todos os pontos de vista da perfeição de Deus. Onde os seus perigos? Em vão os procuram na prática do Espiritismo; aí só encontram consolação e melhoramento moral. Perguntai a Paris, a Lyon, a Bordeaux, a Metz, etc., qual o efeito produzido sobre as massas por esta nova crença. Sobretudo Lyon vos dirá em que fonte seus operários sem trabalho hauriram tanta resignação e fortaleza para suportarem privações de toda espécie.

Ignoro se os livreiros de Agen já se abasteceram dos livros a seguir indicados: *O que é o Espiritismo? – O Livro dos Espíritos – O Livro dos Médiuns.* Mas desejo de todo coração que o vosso pequeno relatório desperte a atenção dos indiferentes, faça-os procurar essas obras e constituírem um núcleo espírita na capital do nosso Departamento. Destinada a regenerar o mundo, esta doutrina marcha a passos de gigante e Agen seria uma das últimas cidades onde o Espiritismo adquirisse direito de cidadania? Considero o vosso pequeno artigo como uma pedra que trazeis ao edifício e, uma vez mais, admiro os meios de que Deus se utiliza para alcançar os seus fins.

“Vossa imparcialidade e vosso desejo de, pela discussão, chegar à verdade, são uma garantia de que admitireis

minha carta nas colunas de vosso jornal, como resposta ao vosso artigo de 25 de maio.

“Aceitai, etc.”

Dombre (de Marmande)

A esta carta o redator se limitou, na edição de seu jornal de 1^o de junho, a dizer o seguinte:

“O Sr. Dombre nos escreve de Marmande a respeito de nossas reflexões sobre *O Livro dos Espíritos* e os diálogos por ele sugeridos ao honrado Sr. Cazenove de Pradines. Esse *novo ensino*, como houve por bem chamar o Sr. Dombre, não tem aos nossos olhos o mesmo valor e o mesmo prestígio que parece exercer sobre o nosso espiritualizado correspondente.

(Por diversas vezes o Sr. Dombre enviou a este jornal trechos em verso e outros.)

“Respeitamos as convicções de nossos contraditores, mesmo quando se fundamentam em princípios errôneos. Mas consideramos um dever, não obstante a defesa leal e sincera tentada pelo Sr. Dombre, manter a expressão de um sentimento sobre um sistema completamente fora dos caminhos da verdade.

“Por conseguinte, a *Abeille Agénaise* não poderia dedicar-se à propagação de idéias essencialmente perigosas, e o Sr. Dombre compreenderá todo o pesar que sentimos por não nos podermos associar à manifestação de seus desejos.”

J. Serret

Observação – Reservar-se o direito de atacar e não admitir resposta é um meio cômodo de ter razão; resta saber se é o de chegar à verdade. Se uma doutrina que tem por base a caridade

e o amor ao próximo; que torna melhores os homens e os leva a renunciarem aos hábitos de desordem; que dá fé aos que em nada acreditam; que faz orar os que já não oram, que restabelece a união nas famílias divididas; que impede o suicídio; se, dizíamos, uma tal doutrina é perversa, que serão, pois, daquelas que se tornam impotentes para produzir tais resultados? O Sr. Serret teme ajudar a propaganda pela polêmica, razão por que prefere falar sozinho. Pois bem! que fale quanto queira; o resultado, porém, não será menor do que tem sido em toda parte: chamar a atenção e recrutar adeptos para a doutrina.

A. K.

Membros Honorários da Sociedade de Paris

Para testemunhar sua simpatia e gratidão às pessoas que prestam relevantes e efetivos serviços à causa do Espiritismo, por seu zelo, devotamento, desinteresse e, se necessário, pelos perigos a que se expõem, a Sociedade Espírita de Paris lhes confere o título de *membro honorário*. Ela se compraz, assim, em reconhecer o concurso que emprestam à obra comum os chefes e fundadores das sociedades ou grupos, que se colocam sob a mesma bandeira e que são dirigidos conforme os princípios do Espiritismo sério, *a fim de obterem resultados morais*. Os motivos que a guiam são menos as palavras que os atos. Ela as conta não só em várias cidades da França e da Argélia, mas em países estrangeiros: Itália, Espanha, Áustria, Polônia, Constantinopla, América, etc.

O Sr. Dombre, de Marmande, que desde sua iniciação no Espiritismo não tem cessado de se fazer, abertamente, seu propagandista e defensor, merecia essa distinção. Anunciando-lhe a sua nomeação, nós lhe havíamos pedido autorização para publicar sua carta ao padre F... (Ver artigo do mês anterior.) Sua resposta

merece ser citada; mostra de que maneira certos adeptos compreendem o seu papel.

“Marmande, 10 de agosto de 1862.

“Senhor Allan Kardec,

“Aceito, reconhecido, o título de membro honorário da Sociedade Espírita de Paris. Para corresponder a uma tal distinção, que obriga, e ao testemunho de simpatia da parte dos membros dessa sociedade, que houveram por bem me conferir esse título, farei sempre e por toda parte esforços para ajudar, dentro de minhas possibilidades, a propagação de uma doutrina que faz minha felicidade na Terra e fará também, em tempo mais ou menos remoto, a daqueles que querem conservar ainda a venda da incredulidade.

“Não vejo nenhum obstáculo, nenhum inconveniente na publicação de minha resposta ao diretor da *Abeille Agénaise* e de minha carta ao padre F.. Minha carta a este último está assinada: *Um católico*. Creio que nenhum leitor da *Revista* irá pensar que o autor tenha querido ocultar-se sob o véu do anonimato: a consideração humana não se apoderou de mim. Rio dos que riem, porque estou com a verdade. Todo bom espírita deve, por seu exemplo, dar energia aos adeptos tímidos e lhes ensinar a empunhar alto e firme o estandarte de sua crença.

“Dignai-vos, senhor, apresentar meus sinceros agradecimentos à honrada Sociedade, da qual hoje me congratulo por fazer parte e aceitar, etc.”

Dombre, proprietário

No que concerne ao Espiritismo, o temor do *que dirão?* hoje diminuiu singularmente, sendo irrelevante o número dos que ocultam sua opinião. Está limitado àqueles que temem perder uma

posição que os faz viver e, neste número, há mais padres do que se pensa; pessoalmente conhecemos mais de cem. Entretanto, em todas as posições sociais, entre os funcionários públicos, oficiais de todas as patentes, médicos, etc., temos notado muita gente que há um ano apenas não se teria confessado espírita e que hoje dele se honra. Essa coragem de opinião, que afronta a zombaria, em primeiro lugar tem como consequência encorajar os tímidos e, em segundo, mostrar que o número de adeptos é maior do que se imaginava; finalmente, impor silêncio aos zombeteiros, surpreendidos ao ouvir, em toda parte, a palavra Espiritismo por pessoas que a gente considera duas vezes antes de ridicularizar. Assim, observa-se que os gracejadores, de algum tempo para cá, baixaram singularmente a voz. Mais alguns anos como os que acabam de se escoar e seu papel estará findo, porque, por todos os lados, ver-se-ão ultrapassados pela opinião.

O Sr. Dombre não apenas tem a coragem da opinião, mas, também, a da ação. Ocupa o espaço com determinação e enfrenta os adversários, provocando-os para a discussão. E eis que um jornalista se recusa, a fim de não admitir a sua fraqueza, e um pregador, a quem é oferecida a mais bela ocasião para fazer valer os seus argumentos e dar uma bordoadá na doutrina, vai-se embora dizendo que não tem tempo para responder. Não é desertar do campo de batalha? Se ele estivesse seguro de si, se a religião estivesse em jogo, por que não ficaria para abater o adversário? Em semelhante caso, abandonar a partida é perdê-la. Um pregador tem uma vantagem imensa sobre um advogado: é que fala sem contraditor; pode dizer o que quiser e ninguém o refuta. Ao que parece, é dessa maneira que os adversários do Espiritismo entendem a controvérsia.

No momento o Sr. Dombre não foi o único a enfrentar a tempestade com serenidade: Bordeaux, Lyon e muitas outras cidades menos importantes, até mesmo simples vilarejos nos têm oferecido numerosos exemplos, que se multiplicam diariamente; e

por toda parte onde os adeptos mostraram firmeza e energia, os antagonistas moderaram a sua arrogância.

Até agora essa coragem de opinião e de ação é muito mais encontrada nas classes médias e obscuras do que nas elevadas; mas se um homem de nome popular, justamente estimado e honrado, influente por seus talentos, posição ou categoria, abraça um dia a causa do Espiritismo e lhe empunha a bandeira abertamente, ousarão acusar de louco aquele cujo gênio e talento foram exaltados? sua voz não imporá silêncio aos clamores da incredulidade? Pois bem! Este homem surgirá, eu vo-lo asseguro; à sua voz os dissidentes se unirão, cedendo à influência de sua autoridade moral; ele também terá sua missão, providencial como a de todos os homens que fazem avançar a Humanidade, missão geral como muitas outras particulares e locais. Embora mais modestas estas últimas não deixam de ter uma utilidade relativa, porque preparam os caminhos. É então que o Espiritismo entrará com força total nos costumes e os modificará profundamente, porque em tudo as idéias serão diferentes. Nós semeamos e ele colherá, ou melhor, eles colherão, porque muitos outros seguirão suas pegadas. Espíritas, semeai, semeai muito, a fim de que a colheita seja mais abundante e mais fácil. O passado é a vossa garantia do futuro!

O que deve ser a História do Espiritismo

A propósito dessa história, sobre a qual dissemos algumas palavras, muitas pessoas nos perguntaram o que ela compreenderia e, a respeito, nos enviaram diversos relatos de manifestações. Aos que julgaram assim trazer uma pedra ao edifício, agradecemos a intenção, mas diremos que se trata de algo mais sério que um catálogo de fenômenos espíritas, encontrado em muitas obras. Devendo o Espiritismo notabilizar-se nos fastos da

Humanidade, será interessante para as gerações futuras saber por que meios ele se terá estabelecido. Será, pois, a história das peripécias que tiverem assinalado os seus primeiros passos; das lutas que tiver enfrentado; dos entraves que lhe terão suscitado; de sua marcha progressiva no mundo inteiro. O verdadeiro mérito é modesto e não busca fazer-se valer. É preciso que a posteridade conheça os nomes dos pioneiros da obra, daqueles cujo devotamento e abnegação merecerão ser inscritos em seus anais; das cidades que marcharam na dianteira; dos que sofreram pela causa, a fim de que os abençoem, e dos que fizeram sofrer, para que orem, para que sejam perdoados; numa palavra, de seus verdadeiros amigos e de seus inimigos, confessos ou ocultos. A intriga e a ambição não devem usurpar o lugar que lhes não pertence, nem um reconhecimento e uma honraria que lhes não são devidos. Se há Judas, forçoso é que sejam desmascarados. Uma parte não menos interessante é a das revelações que, sucessivamente, anunciaram todas as fases dessa nova era e os acontecimentos de toda ordem, que as acompanharam.

Aos que acharem presunçosa a tarefa, diremos que não temos outro mérito senão o de possuir, por nossa posição excepcional, documentos que não estão na posse de ninguém, e que se acham ao abrigo de quaisquer eventualidades; que, estando o Espiritismo sendo chamado a desempenhar um grande papel na História, importa que seu papel não seja desnaturado, e opor uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderia engendrar.

Quando aparecerá? Não será tão cedo e talvez não em nossa vida, pois essa obra não se destina a satisfazer a curiosidade do momento. Se dela falamos por antecipação, é para que ninguém se equivoque quanto ao seu objetivo e deixar clara a nossa intenção. Aliás, o Espiritismo está debutando e muitas outras coisas haverão de acontecer até lá; e, depois, é preciso esperar que cada um tenha tomado o seu lugar, certo ou errado.

Arsène Gautier

LEMBRANÇA DE UM ESPÍRITO

A Sra. S..., de Cherbourg, transmitiu-nos o seguinte relato:

Um marujo da marinha de guerra, chamado Arsène Gautier, voltou a Cherbourg há quinze ou dezesseis anos, muito doente, em consequência de febres adquiridas nas costas africanas. Veio à casa de um de meus genros, que sabia ser amigo de seu irmão, capitão da marinha mercante, e que era esperado dentro de poucos dias naquele porto. Nós o recebemos bem e, como estivesse doente, minha filha J..., então com quatorze ou quinze anos, pediu-me que o chamasse para se aquecer à nossa lareira e tomar uma tisana, que não lhe seria dada em seu albergue, até que seu irmão chegasse. Essa menina teve para com ele cuidados compassivos. Ele morreu ao chegar à sua casa; depois ninguém mais pensou no caso. Seu próprio nome, escrito no início da comunicação espontânea, que recebemos em 8 de março último, por minha filha J..., hoje médium, não no-lo tinha lembrado. Só o reconhecemos pelos detalhes em que entrou. Era um homem de inteligência muito limitada e sua vida tinha sido muito difícil. Privado da afeição dos seus, a tudo se havia resignado. Eis a sua comunicação:

“Arsène Gautier. Vós me esquecestes há muito tempo, minha amiga, mas eu não vos perdi de vista desde que deixei a Terra, porque sois a única pessoa, o único Espírito simpático que encontrei nesta terra de dores. Eu vos amei com todas as minhas forças, quando não passáveis de uma criança e não tínheis por mim senão um sentimento de piedade, devido à terrível enfermidade que me devia levar. Sou feliz... Esta era a primeira existência que Deus me tinha dado. Como meu Espírito era ainda novo e não conhecia nenhum outro Espírito, liguei-me mais a vós. Estou feliz e prestes a voltar à Terra para avançar em direção ao Senhor. Tenho a esperança no coração; o caminho, tão difícil para

alguns, parece-me largo e fácil. Um bom começo como minha existência passada é um encorajamento tão grande! Deus me ajudará. Orareis também por mim, para que minha prova tão próxima me seja tão proveitosa quanto a outra. Infelizmente não sou adiantado, mas chegarei.”

Não fazíamos ainda a menor idéia do Espírito que dera aquela comunicação, e nos perguntávamos uma à outra quem poderia ser.

O Espírito respondeu:

“Sou irmão de um ex-capitão de Nantes, que era amigo de um de vossos parentes.” (Isto nos despertou a memória e o Espírito continuou): “Obrigado por vos lembrardes de mim. Só lamento uma coisa, ao entrever a prova que se aproxima: ser separado de vós por algum tempo. Adeus; amo-vos muito.

Arsène Gautier.”

Observação – Lida tal comunicação na Sociedade de Paris, perguntamos a um dos nossos guias espirituais se era possível que aquela tivesse sido, como dizia o Espírito, a sua primeira encarnação. Respondeu o guia:

“Sua primeira encarnação na Terra, é possível; mas, como Espírito, não. Em suas primeiras encarnações, os Espíritos encontram-se num estado quase inconsciente e este, embora pouco adiantado, já está longe de sua origem; mas é um desses Espíritos bons, que seguiram o caminho do bem. Seu progresso será rápido, pois não terá de se despojar senão de sua ignorância, nem lutar contra as más tendências dos que trilharam o caminho do mal.”

Pode o Espírito Recuar Diante da Prova?

Uma senhora de nossa amizade escreve-nos o seguinte:

“Certo dia minha filha recebeu a seguinte comunicação espontânea de um Espírito, que começou assinando *Euphrosine Bretel*. Como tal nome não nos lembrasse ninguém, perguntamos: Quem és? – Sou um pobre Espírito em sofrimento; necessito de preces. Dirijo-me a ti porque me conhecestes quando eu não passava de uma criança.

“Fizemos um esforço para recordar e julguei lembrar que aquele nome de família era o de uma menina de nove a dez anos, que se achava no mesmo internato que minha filha e que adoecera pouco depois da chegada desta. Seu pai veio buscá-la de carro, e as crianças guardaram a lembrança daquela doente, toda embrulhada e lamentosa; morreu em casa. Desesperada, sua mãe logo a seguiu. O pai ficou cego de tanto chorar e morreu no mesmo ano. Tão logo imaginamos haver reconhecido o nome, o Espírito escreveu:

“Sou eu. Minha última existência devia ser uma prova terrível, mas recuei covardemente e desde então sofro sempre. Peço-te rogares a Deus que me conceda a graça de uma nova prova, à qual me submeterei, por mais dura que seja. Sou tão infeliz! Amo a meu pai e a minha mãe e eles me têm horror; fogem de mim e o meu castigo é o de os buscar incessantemente, para me ver repelida. Vim a ti porque minha lembrança não se apagou inteiramente de tua memória e, dos que podem orar por mim, és a *única* que conhece o Espiritismo. Adeus! não me esqueças; em breve nos veremos.”

Minha filha então lhe perguntou, brincando: “Devo, pois, morrer dentro de pouco tempo?” A isto o Espírito respondeu: “Longo para vós, o tempo não tem medida para nós.” – Verificamos depois que o prenome e o nome da família eram perfeitamente exatos.

“Pergunto, agora, se é possível a um Espírito encarnado recuar diante de uma prova já começada.”

A esta pergunta respondemos: Sim. Os Espíritos recuam muitas vezes ante as provas que escolheram; não têm coragem de as suportar e, até mesmo, de as enfrentar, quando chegado o momento. Aí está a causa da maioria dos suicídios. Recuam ainda quando se lastimam e se desesperam, perdendo, assim, os benefícios da prova. Eis por que o Espiritismo, dando a conhecer a causa, o objetivo e as conseqüências das tribulações da vida, dá, ao mesmo tempo, tantas consolações e tanta coragem, desviando o pensamento de abreviar os dias. Qual a filosofia que produziu tal resultado sobre os homens?

Resposta a uma Pergunta Mental

Um excelente médium de Maine-et-Loire, que conhecemos pessoalmente, escreveu-nos o seguinte:

“Um de nossos amigos, homem dos menos crentes, mas com imenso desejo de se esclarecer, perguntou-nos um dia se poderia evocar um Espírito sem o nomear, e se este poderia responder a perguntas que lhe fossem dirigidas pelo pensamento, sem que o médium lhes tivesse o menor conhecimento. Respondemos que isso era possível, desde que o Espírito o consentisse, o que nem sempre acontece. Acerca disto obtive a seguinte resposta:

“Não posso dizer o que me pedis, porque Deus não o permite. Não obstante, posso dizer-vos que sofro: é uma dor geral em todos os membros, o que vos deve surpreender, desde que com a morte o corpo apodrece na terra; mas temos um outro corpo – espiritual – que não morre, o que nos faz sofrer tanto quanto se tivéssemos nosso *corpo corporal*. Sofro, mas não espero sofrer sempre.

Como é preciso satisfazer à justiça de Deus, é necessário nos resignarmos nesta vida ou na outra. Eu não me privei suficientemente na Terra, o que me compele a reparar o tempo perdido. Não me imiteis, pois vos prepararíeis séculos de tormentos. A eternidade é uma coisa séria e, infelizmente, nela não se pensa tanto quanto seria preciso. Como é de lamentar-se quando nos esquecemos de um assunto tão importante quanto a salvação! Pensai nisto!

Vosso antigo cura, A... T...

“Era mesmo o cura que o nosso amigo queria evocar. Eis as três perguntas que este queria fazer:

“Que pensar da divindade de Jesus-Cristo?

“A alma é imortal?

“Que meios empregar para expiar as faltas e evitar a punição?

“Pelo estilo reconhecemos perfeitamente o nosso cura; sobretudo a expressão *corpo espiritual* mostra que é o Espírito de um bom cura do interior, cuja educação deixou algo a desejar.”

Observação – As respostas a perguntas mentais são fatos muito comuns e tanto mais interessantes quanto são para o incrédulo de boa-fé uma das provas mais concludentes da intervenção de uma inteligência oculta; entretanto, como sói acontecer com a maioria dos fenômenos espíritas, raramente são obtidos à vontade, ao passo que se produzem espontaneamente a todo o momento. No caso supracitado, o Espírito houve por bem se prestar a esse papel, o que é muito raro, porque, como se sabe, os Espíritos não gostam de perguntas de curiosidade e de prova; com elas condescendem somente quando há utilidade e muitas vezes não as julgam como nós. Como não se submetem ao capricho dos homens, precisamos contar com a sua boa vontade

para a produção dos fenômenos. É necessário, por assim dizer, apreendê-los de passagem e não os provocar. Para tanto precisamos de paciência e de perseverança; e é por isto que os Espíritos reconhecem os observadores sérios e verdadeiramente desejosos de se instruírem. Pouco se preocupam com as pessoas superficiais, que pensam que basta perguntar para serem atendidas imediatamente.

Poesias Espíritas

O MENINO E O ATEU⁴⁶

(Sociedade Espírita Africana – Médium: Srta. O...)

Um belo ser, ateu se proclamando,
Passeava um dia ao lado de um rapaz
Às margens de um regato, às quais sombreando,
De um sol forte os livravam vegetais.

Ao ver jorrar água tão pura,
Diz ao jovem seu sábio companheiro:
Aonde pensas tu que porventura
Vai conduzir-lhe o curso o vale inteiro?

Responde-lhe o rapaz: Talvez um lago
De suas águas ganhe-lhe o tributo,
Que ao término de esforço amargo e vago
De todos os riachos é o fim bruto.”

Pobre criança! O mestre diz, sorrindo,
Como enganado está teu ser;
Aprende, pois, tudo no mundo é findo,
Tudo se acaba no morrer.

Quando se afasta da nascente,
Onde os filetes vão jorrando,
É para achar seu termo, finalmente,
Para sempre nos mares terminando.

46 Vide nota no número anterior, sobre o *Anjo-da-guarda*.

É de nós todos essa a dura imagem;
Quando deixamos deste mundo a estada
Eis o que resta então de uma curta passagem,
Nos encontrarmos ante o nada.

Oh! Meu Deus! Diz o moço em desolada voz,
Essa é a verdade, então, tal nossa sorte?
Que! E minha mãe, só somos nós,
Terei tudo perdido em sua morte?

Eu que supunha que sua alma querida
Podia proteger sua criança,
Com ela partilhar as penas desta vida,
Tê-la perto de Deus não é minha esperança?

“Guarda sempre contigo a doce crença.”
Sussurra-lhe o bom anjo com bondade,
Sim, bom menino, a fé te seja imensa,
Sem ela, sobre a Terra, onde a felicidade?

E o tempo se esgotou; correram anos
Nosso sábio afinal desencarnou,
Mantendo-os fiel aos seus loucos enganos,
Creu-se morto a dizer que Deus nunca encontrou.

Quanto ao menino, veio-lhe a velhice
E sem receio recebeu a morte,
Porque mantendo a fé da meninice,
Nas mãos do Eterno Pai lhe redimiu a sorte.

Vede que multidão que ora apressada
Deixa o céu para o vir cá receber;
E de Espíritos bons turma sagrada
Que a um exilado irmão enfim torna a rever.

Mas quem é aquela alma só e triste
Que se esforça afinal por se ocultar?
Do desgraçado sábio é o ser que a tudo assiste
Que tudo vê e não pode aí se misturar.

Foi muito amarga a sua pena,
Por ter a Deus um dia então negado,

Deus lhe surge afinal, não juiz que condena,
Em majestade sublimado.

Oh! quanto pranto por herança
Vieram quebrar dessa alma a empáfia dura!
Ele que outrora rira da esperança
De um pobre rapazelho além da sepultura.

Mas do Senhor a bênção paternal
Não pune para sempre o pecador;
Em breve pois a alma imortal
Devolve à Terra com Amor.

Por sua vez purificada,
Em cujos erros já não cai,
De luz e glória inebriada
Vai repousar aos pés do Eterno Pai.

Assinado: Ducis

A ABÓBORA E A SENSITIVA

Fábula

Dize qual o teu regime, ó pobre sensitiva?
A abóbora indagava a uma pequena flor,
Por que manter-te assim qual se não fosses viva?
Falo-te com muita dor,
A sensibilidade estiola-te; e enfraquece;
Bem antes morrerás do fim desta estação;
Quando, fugindo o sol no horizonte escurece
Murcharem-se verás tuas folhas então:
Um fatal estremecimento
O teu caule percorre ante a brisa a roçar;
Fazendo a crise então chegar;
A vida então é-te um tormento.

E por que tanta pena e tal solicitude?
Seja pois meu exemplo uma terna quietude.
O que se passa em mim, pois não,
Causar-me não me custa a mais leve emoção;
De bem me sustentar faço minha virtude,

Que importa, pois, em meu temperamento,
Os mistérios do céu? – Do dia o esplendor,
Da noite a escuridão, a umidade, o calor
Tudo convém ao meu intento.

Minha forma redonda às vezes, é verdade,
Induz o observador satírico e cruel
Em murmúrio dizer: “A abóbora é nulidade!”
Porém tal trato não me é fel;
Sobre o meu leito nutro-me e, em riso, me rolo
Para inveja causar, pousando sobre o solo,
Meu grosso ventre e amplidão.

Os gostos, diz a flor, bem diferentes são;
Tu queres consagrar-te ao gozo, à vida em fêria,
Ao bem-estar só da matéria;
Creio fazer melhor, vejas bem, neste instante,
Em abreviar minha existência,
Me consagrando à excelência,
Do sentimento bom, da inteligência,
Terei vivido assim bastante.

Dombre (De Marmande)

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E O ESPÍRITO MALIGNO

(Grupo de Sainte-Gemme – Médium: Sr. C...)

De todos os trabalhos a que se entrega a Humanidade os preferíveis são os que mais aproximam a criatura de seu Criador, que a põem diariamente e a cada instante em condições de admirar a obra divina, que saiu e sai incessantemente de suas mãos onipotentes. É dever do homem prosternar-se e adorar continuamente Aquele que lhe deu os meios de se melhorar como Espírito e alcançar, assim, a felicidade suprema, que é o objetivo final para o qual deve tender.

Se há profissões que, quase exclusivamente intelectuais, dão ao homem os meios de elevar o seu nível de inteligência, um perigo, um grande perigo se acha ao lado dessa vantagem. Prova a história de todos os tempos em que consiste esse perigo e quantos males pode engendrar. Sois dotados de uma inteligência superior: a tal respeito estais mais próximos da Divindade que os vossos irmãos e chegais a negar a própria Divindade, ou dela fazer uma outra, inteiramente contrária do que é em realidade! Nunca seria demais repetir, nem jamais se cansar de dizer: o orgulho é o mais obstinado inimigo do gênero humano. Tivésseis mil bocas e todas deveriam repetir a mesma coisa incessantemente.

Deus vos criou a todos simples e ignorantes⁴⁷; tratai de avançar em passo tão seguro quanto possível. Isto depende de vós: jamais Deus recusa graça a quem lha pede de boa-fé. Todos os estados podem igualmente vos conduzir à meta desejada, se vos conduzirdes conforme o caminho da justiça e se não dobrardes a consciência à vontade dos vossos caprichos. No entanto há estados nos quais é mais difícil progredir que em outros; assim, Deus levará em conta aqueles que, tendo aceitado como prova uma posição ambígua, tiverem percorrido sem reagir esse caminho perigoso ou, pelo menos, tiverem feito todos os esforços humanamente possíveis para se reerguerem.

É aí que se torna necessária uma fé sincera, uma força pouco comum para resistir aos arrastamentos para fora do caminho da justiça. Mas é aí, também, que se pode fazer um bem

47 Esta proposição, a respeito do estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos*, é hoje repetida por toda parte nas comunicações; encontra, assim, a sua consagração simultaneamente nessa concordância e na lógica, porquanto nenhum outro princípio responderia melhor à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a desempenhar para atingir o fim. Ninguém é privilegiado pela Natureza; como, porém, têm o livre-arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Tal princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo, admitindo em si mesmo a pluralidade das existências, porque, se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu.

imenso aos irmãos infelizes. Ah! quanto mérito tem aquele que resvala no lamaçal, sem que nem suas vestes, nem ele próprio, se maculem! É preciso que uma chama muito pura brilhe em si. Mas, também, que recompensa não lhe é reservada ao deixar a vida terrestre!⁴⁸

Que aqueles que se acham em semelhante posição meditem bem estas palavras; que bem se impregnem do espírito que elas encerram e neles se operará uma revolução salutar, que substituirá as opressões do egoísmo pelas suaves expansões do coração.

Quem transformará esses homens, como diz o Evangelho, em homens novos?

O que é necessário para realizar esse grande milagre? É preciso que eles queiram reportar seu pensamento àquilo a que estão destinados depois da morte. Estão todos convencidos de que o amanhã poderá não existir para eles; mas, assustados pelo quadro sombrio e desolador das penas eternas, nas quais, por intuição, se recusam acreditar, abandonam-se ao caudal da vida presente; deixam-se arrastar por essa cupidez febril, que os leva a juntar sempre, por todos os meios permitidos ou não; arruinam sem piedade um pobre pai de família e prodigalizam ao vício somas que bastariam para uma cidade inteira viver durante vários dias. Desviam os olhos do momento fatal. Ah! se pudessem encará-lo firmemente e com sangue-frio, como mudariam depressa de conduta! como os veríamos apressados em devolver ao legítimo proprietário o pedaço de pão negro, que tiveram a crueldade de roubar para, ao preço de uma injustiça, aumentarem uma fortuna

48 Admiram-se de que Espíritos possam escolher uma encarnação num desses meios onde se acham em contato incessante com a corrupção. Entre os que se encontram nessas posições ínfimas da sociedade, uns as escolheram por gosto e para darem satisfação a seus pendores ignóbeis; outros, por missão e dever, a fim de tentarem tirar da lama os seus irmãos e para terem mais mérito para lutar contra os arrastamentos perniciosos. Sua recompensa será proporcional às dificuldades vencidas. Tal é, entre nós, o operário que é pago em razão do perigo a que se expõe no exercício da profissão.

feita de injustiças acumuladas! O que é preciso para isto? Que brilhe a luz espírita. É preciso se possa dizer, como um general dizia de uma grande nação: *O Espiritismo é como o Sol: cego quem não o vê!* Os homens que se dizem e se julgam cristãos, mas repelem o Espiritismo, são bem cegos!

Qual a missão da doutrina, que a mão onipotente do Criador semeia atualmente no mundo? É a de conduzir os incrédulos à fé, os desesperados à esperança, os egoístas à caridade. Eles se dizem cristãos e lançam anátema à doutrina de Jesus-Cristo! É verdade que pretendem seja o Espírito maligno que, para melhor se disfarçar, vem pregar tal doutrina neste mundo. Infelizes cegos! pobres doentes! Que Deus, em sua bondade inesgotável, se digne fazer cessar a vossa cegueira e pôr um termo aos males que vos obsidiam!

Quem vos disse que era o Espírito do mal? Quem? Nada sabeis disto. Pedistes a Deus que vos esclarecesse a respeito? Não; ou se o fizestes, tínheis uma idéia preconcebida. O Espírito do mal! Sabeis quem vos disse que era o Espírito do mal? Foi o orgulho, foi o próprio Espírito do mal que vos leva a condenar – coisa revoltante! – o Espírito de Deus, representado pelos Espíritos bons que Ele envia ao mundo para o regenerar!

Ao menos examinai a coisa e, conforme as regras estabelecidas, condenai ou absolvei. Ah! se ao menos quisésseis lançar um golpe de vista sobre os resultados inevitáveis que o triunfo do Espiritismo deve produzir! Se quisésseis ver os homens finalmente se considerando como irmãos, convencidos todos de que, de um momento para outro, Deus lhes pedirá contas da maneira pela qual desempenharam a missão que lhes havia sido confiada! Se quisésseis ver em toda parte a caridade tomando o lugar do egoísmo e o trabalho tomando o lugar da preguiça! Porque, bem o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus o transformou numa obrigação, à qual não pode subtrair-se sem transgredir as leis divinas. Se quisésseis ver de um lado esses

infelizes que dizem: *Danados neste mundo, danados no outro, sejamos criminosos e gozemos*; e do outro, esses homens endurecidos, esses açambarcadores da fortuna de todos, que dizem: *A alma é uma palavra; Deus não existe; se nada resta de nós depois da morte, gozemos a vida; o mundo se compõe de exploradores e explorados; prefiro fazer parte dos primeiros a estar com os segundos; depois de mim, o dilúvio!* Se lançásseis o olhar sobre esses dois homens que personificam a pilhagem, a pilhagem bem-educada e que conduz às galés; se os vísseis transformados pela crença na imortalidade, que lhes dá o Espiritismo, ousaríeis dizer que é pelo Espírito do mal?

Vejo o desdém em vossos lábios e vos ouço dizer: Nós é que pregamos a imortalidade e temos crédito por isto. Terão sempre mais confiança em nós do que nesses vãos sonhadores que, se não são trapaceiros, sonharam que os mortos saíam do túmulo para se comunicarem com eles. A isto sempre a mesma resposta: Examinai e, se convencidos de boa-fé, o que não faltará se fordes sinceros, ao invés de maldizer, bendireis o que deve estar muito mais nas vossas atribuições, conforme a lei de Deus.

A lei de Deus! em vossa opinião sois os únicos depositários e vos surpreendeis que outros tomem uma iniciativa que, conforme pensais, vos pertence com exclusividade. Pois bem! escutai o que os Espíritos enviados por Deus estão encarregados de vos dizer:

“Vós que levais a sério o vosso ministério, sereis abençoados, porquanto tereis realizado todas as obras, não só prescritas, mas aconselhadas pelo divino Mestre. E vós que considerastes o sacerdócio como meio para ascender materialmente não sereis malditos, embora tenhais amaldiçoado os outros; Deus, porém, vos reserva uma punição mais justa.

“Dia virá em que sereis obrigados a vos explicardes publicamente sobre os fenômenos espíritas, e esse dia não está

longe. Então vos encontrareis na necessidade de julgar, porque vos constituístes em tribunal. Julgar a quem? O próprio Deus, pois nada acontece sem a sua permissão.

“Vedes onde vos conduziu o Espírito do mal, isto é, o orgulho! Em vez de vos inclinardes e orar, obstinai-vos contra a vontade do único que tem o direito de dizer: *Eu quero*. E dizeis que é o demônio quem o diz.

“E agora, se persistirdes em não crer senão nas manifestações dos Espíritos maus, recordai-vos das palavras do Mestre, acusado de expulsar os demônios em nome de Belzebu: *Todo reino dividido contra si mesmo perecerá.*”⁴⁹

Hippolyte Fortoul

O CORVO E A RAPOSA⁵⁰

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862 – Médium: Sr. Leymarie)

Desconfiai dos bajuladores: é a raça mentirosa; são encarnações de duas caras, que riem para vos enganar. Infeliz de quem neles acredita e escuta, porquanto neles as noções do verdadeiro logo se pervertem. E, contudo, quanta gente se deixa levar por esse engodo mentiroso da bajulação! Ouvem satisfeitos o velhaco que alimenta as suas fraquezas, enquanto repelem o amigo sincero que lhes diz a verdade e lhes dá bons conselhos; atraem o falso amigo e afastam o verdadeiro e desinteressado. Para os agradar é preciso adular, aprovar tudo, tudo aplaudir e achar tudo bem, mesmo o absurdo. E – coisa estranha! – repelem conselhos sensatos e acreditam na mentira do primeiro que vier, desde que tal mentira favoreça suas idéias. Que quereis? Querem ser enganados e o são. Muitas vezes só vêem as conseqüências tarde demais; mas, então, o mal já está feito e não tem remédio.

49 N. do T.: Mateus, 12:25.

50 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

De onde vem isto? A causa dessa imperfeição é, quase sempre, múltipla. A primeira, incontestavelmente, é o orgulho que os cega quanto à infalibilidade de seu próprio mérito, que julgam superior ao dos demais; tomam-no, assim, sem dificuldade, como modelo do senso comum. A segunda decorre de uma falta de senso, que lhes não permite vejam o lado bom ou ruim das coisas; mas, ainda aqui, é o orgulho que oblitera o julgamento, porque, sem orgulho, desconfiariam de si mesmos, confiando-se aos que têm mais experiência. Acreditai, ainda, que os Espíritos maus nem sempre estão alheios ao caso: adoram mistificar, armar ciladas; e quem nelas melhor poderão cair que os orgulhosos, que são lisonjeados? O orgulho, para eles, é a falta de couraça de uns e a cupidez de outros, de que sabem tirar partido com habilidade, mas não se guardam de dirigir-se aos que são mais fortes que eles, moralmente falando. Quereis subtrair-vos à influência dos Espíritos maus? Subi, subi tão alto em virtudes que eles não vos possam atingir e, então, sereis temidos por eles. Mas se vos deixardes arrastar pela ponta da corda, eles a agarrarão para vos forçar a descida; chamar-vos-ão com voz melíflua, elogiar-vos-ão e, como o corvo, farão com que deixeis o queijo cair.

Sonnet

ESTILO DAS BOAS COMUNICAÇÕES

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862 – Médiun: Sr. Leymarie)

Buscai na palavra a sobriedade e a concisão: poucas palavras, muitas coisas. A linguagem é como a harmonia: quanto mais erudita quisermos torná-la, menos melodiosa. A verdadeira ciência é sempre aquela que impressiona; não alguns sibaritas entediados, mas a massa inteligente que, desde muito tempo, é desviada do caminho do belo verdadeiro, que é o da simplicidade. A exemplo de seu Mestre, os discípulos do Cristo haviam adquirido esse profundo saber de bem-dizer, sobriamente, e seu falar, como o de Jesus, era marcado por essa graça delicada, essa profundeza

que, em nossos dias, numa época em que tudo mente ao nosso redor, ainda fazem as grandes vozes do Cristo e dos apóstolos modelos inimitáveis de concisão e de precisão.

Mas a verdade desceu do alto; os Espíritos superiores, como os apóstolos dos primeiros dias da era cristã, vêm ensinar e dirigir. *O Livro dos Espíritos* é toda uma revolução, porque é conciso e sóbrio: poucas palavras, muitas coisas; nada de flores de retórica, nada de imagens, mas apenas pensamentos elevados e fortes, que consolam e fortalecem. Por isso agrada, e agrada porque é facilmente compreendido: aí está a marca da superioridade dos Espíritos que o ditaram.

Por que há tantas comunicações oriundas de Espíritos que se dizem superiores, repletas de insensatez, de frases empoladas e floreadas? uma página para nada dizer? Ficai certos de que não são Espíritos superiores, mas pseudo-sábios, que julgam produzir efeito, substituindo por palavras o vazio das idéias, a profundidade do pensamento pela obscuridade. Não podem seduzir senão os cérebros vazios como os seus, que tomam bijuterias por ouro legítimo e julgam a beleza de uma mulher pelo brilho de seus adereços.

Desconfiai, pois, dos Espíritos verbosos, de linguagem empolada e confusa, muito difícil para ser compreendida. Reconhecereis a verdadeira superioridade pelo estilo conciso, claro e inteligível, sem esforço de imaginação. Não avalieis a importância das comunicações por sua extensão, mas pela soma de idéias que encerram num pequeno volume. Para ter o tipo da superioridade real, contai as palavras e as idéias – refiro-me às idéias justas, sadias e lógicas – a comparação vos dará a exata medida.

Barbarett (Espírito familiar)

A RAZÃO E O SOBRENATURAL

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)

O homem é limitado em sua inteligência e em suas sensações. Não podendo compreender além de certos limites, pronuncia, então, a palavra sacramental, que põe fim a tudo: *Sobrenatural*.

Na ciência nova que estudais, o vocábulo sobrenatural é palavra convencional: existe para nada exprimir. Efetivamente, o que significa? Fora da Natureza; além do que é conhecido. Nada mais insensato; nada mais absurdo do que aplicá-la a tudo que está fora de nós. Para o homem que raciocina a palavra sobrenatural não é definitiva; é vaga e faz presentir. Conhece-se a frase banal do incrédulo por ignorância: “É sobrenatural. Ora, a razão, etc., etc.” O que é a razão? Ah! quando a Natureza, alargando-se e agindo como soberana, nos mostra tesouros desconhecidos, a razão, nesse sentido, se torna irracional e absurda, pois persiste, malgrado os fatos. Ora, se há um fato, é que a Natureza o permite. Certamente a Natureza tem, para nós, algumas manifestações sublimes, mas muito restritas, se entrarmos no domínio do desconhecido. Ah! quereis explorar a Natureza; quereis conhecer a causa das coisas, *causa rerum*, e julgais desnecessário pôr de lado vossa razão banal? Mas estais brincando, senhores. O que é a razão humana, senão a maneira de pensar do vosso mundo? Correis de planeta a planeta e pensais que a razão vos deve acompanhar? Não, senhores; a única razão que deveis ter em meio a todos esses fenômenos é o sangue-frio e a observação quanto a esse ponto de vista, e não do ponto de vista da incredulidade.

Ultimamente temos abordado questões muito graves, como vos lembrais. Mas, no bojo do que dizíamos, não concluímos que todo o mal vem dos homens. Depois de muitas lutas, de muitas discussões chegam também os bons pensamentos, uma nova fé e esperanças novas. Como vos disse há pouco, o Espiritismo é a luz

que deve iluminar, doravante, toda inteligência dedicada ao progresso. A prece será o único dogma e a prática exclusiva do Espiritismo, isto é, a harmonia e a simplicidade. A arte será nova, porque secundada pelas idéias novas. Pensai que toda obra inspirada por uma idéia filosófico-religiosa é sempre manifestação poderosa e sã; o Cristo será sempre a Humanidade, mas não a Humanidade sofredora: será a Humanidade triunfante.

Lamennais

Allan Kardec

